

O CRESCIMENTO DA INDÚSTRIA E DOS TRABALHADORES NO SETOR VESTUÁRIO NA REGIÃO CARBONÍFERA

Carla Mota e João Henrique Zanellato

carlamotta626@hotmail.com

Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC

Resumo: A indústria do vestuário no sul do estado inicialmente concentrava-se apenas na cidade de Criciúma e, em seguida, disseminou-se para toda a região carbonífera. Na região essa indústria teve suas origens a partir das casas comerciais que revendiam confecções, alimentos e equipamentos para minas de carvão. Eram chamados de armazéns secos e molhados. O estudo apresentará o recorte sobre as indústrias e os trabalhadores do setor do vestuário nos municípios que compõem a região Carbonífera, (Para este estudo compreendem-se como região carbonífera os seguintes municípios: Criciúma, Içara, Siderópolis, Urussanga, treviso Nova Veneza, Morro da Fumaça, Forquilha, Cocal do Sul, Orleans, Lauro Muller). Aborda-se o crescimento das indústrias e do emprego no setor na região, estabelecendo uma comparação com outros setores. No que tange a estrutura da indústria do vestuário da região Carbonífera, não se diferencia muito da maioria dos demais países. Essa estrutura composta por um número elevado de empresas, grande heterogeneidade das suas unidades fabris, na maioria micro e pequenas empresas. Aponta-se para as transformações ocorridas no mundo do trabalho, a terceirização, e a subcontratação utilizadas pelas empresas do vestuário como medida estratégica encontrada para facilitar o enfrentamento do quadro de concorrência dos anos 90. O recurso de terceirização era extremamente atraente para as empresas que produziam por encomenda ou que empregavam mão-de-obra de forma intensiva, elas estariam economizando no uso da instalação, máquinas e equipamentos, redução nos custos referentes à admissão e gestão de mão-de-obra, não realizando o pagamento de Fundo de garantia, 13º salário, férias, licença-materna, aposentadoria, etc, acarretando a exploração da mão-de-obra. A rotatividade, os baixos salários do setor serão abordados neste trabalho.

Palavras-Chave: Indústria, Trabalhadores, emprego.

1- A indústria

O presente estudo apresentará o recorte sobre as indústrias e os trabalhadores do setor do vestuário nos municípios que compõem a região Carbonífera. (Para este estudo compreende-se como região carbonífera os seguintes municípios: Criciúma, Içara, Siderópolis, Urussanga, treviso Nova Veneza, Morro da Fumaça, Forquilha, Cocal do Sul, Orleans, Lauro Muller). Pretende-se neste estudo abordar o crescimento do setor na região bem como as relações de trabalho a partir da década de 1980.

A indústria brasileira chegou ao fim da década de 1980 muito defasada quanto às tecnológicas de processo e de produto. Na década de 1980 e início dos anos de 1990, o Brasil vivenciou a grande crise global decorrente da conjunção de vários fatores e várias circunstâncias desfavoráveis, internas e externas. Entre as principais consequências da crise brasileira, identificam-se: redução acentuada do ritmo de crescimento da economia, caracterizando uma situação prolongada de estagnação/recessão; processo inflacionário crônico e ascendente; elevada dívida externa e interna, submetendo o governo e o país a um esgotamento financeiro para pagamento de juros; baixo índice de investimento nas atividades de produção (LACERDA, 2003).

Vários estudos apontam que a região Carbonífera teve seu crescimento baseado na extração do carvão. Segundo GOULARTI (2002), “O carvão foi o carro-chefe da diversificação da economia da região. O setor carbonífero seguiu por alguns momentos, uma marcha contrária às crises da economia nacional”.

No que tange estrutura da indústria do vestuário da região Carbonífera, não se diferencia muito da maioria dos demais países. Essa estrutura composta por um número elevado de empresas, grande heterogeneidade das suas unidades fabris, na maioria micro e pequenas empresas. Com a grande diversificação no setor do vestuário em Santa Catarina nos anos 60 e 70, algumas cidades tiveram grande destaque, como Criciúma, com o jeans (GOULARTI, JENOVEVA,1997).

Segundo Goularti e Jenoveva (1997) para se estabelecer uma indústria de confecções. não existem barreiras técnicas à entrada de novos empresários, pois não há preocupação quanto à escala de produção, à tecnologia, o volume de recursos necessários, ou à carência de mão-de-obra. De modo geral, não se precisa de muito capital para abrir uma micro-empresa, tendo em

vista que a tecnologia básica é simples a mão-de-obra barata, considerando uma empresa simples, pois existem tecnologias mais avançadas para serem utilizadas no setor, que já começam a fazer parte da rotina das grandes empresas, pois as grandes empresas cada vez mais preocupadas em aplicar tecnologias produtivas, devido ao padrão de concorrência que vem se apresentando com a globalização.

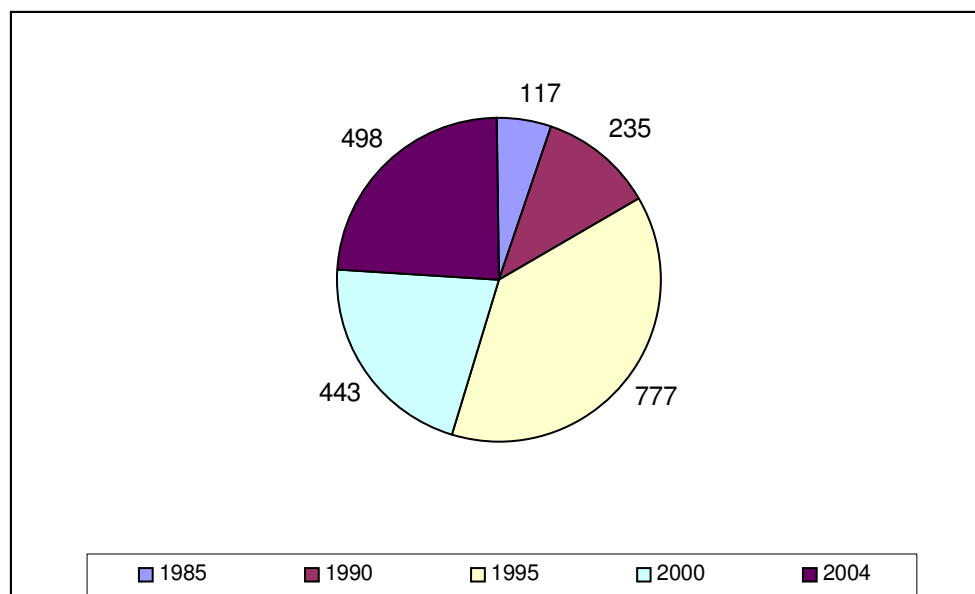
Já nos países mais avançados os empresários desse setor julgam que o sucesso das empresas depende da qualidade, do estilo, do serviço, da marca, do preço e da organização das vendas. Nesses países é elevado o grau de avanço tecnológico. Nos países onde a mão-de-obra é abundante e barata o grau de avanço tecnológico é mais baixo (IPAT / UNESC. Caderno Econômico, setor do vestuário, 2006, p. 10).

A indústria do vestuário no sul do estado inicialmente concentrava-se apenas na cidade de Criciúma e, em seguida, disseminou-se para toda a região carbonífera. Na região essa indústria teve suas origens a partir das casas comerciais que revendiam confecções, alimentos e equipamentos para minas de carvão nos anos 60. Eram chamados de armazéns secos e molhados. Na região carbonífera o setor do vestuário nos anos 90 era dividido em duas categorias:

Os confeccionistas são os que possuem etiqueta própria, “definida” a moda, procuram o mercado consumidor, buscando inovação tecnológica, ou seja, são as partes dinâmicas do setor com possibilidades de ampliação e de diversificação nos investimentos. Os facionistas os prestadores de serviços. A sua função é montar as peças do vestuário, já cortadas pelos confeccionistas (GOULARTI, JONOVEVA, 1997, p. 106).

Na região carbonífera a indústria do vestuário se caracterizou por apresentar um número elevado de empresas. Esta assertiva fica demonstrada no gráfico abaixo.

Gráfico 01-Distribuição das indústrias do vestuário da região AMREC – 1985 á 2004



Fonte: MET/RAIS - vários anos, Gráfico elaborado pela autora.

Analisando a figura acima, percebe-se a evolução das indústrias de 1990 com 235 empresas, saltando em 1995 para 777 empresas, seguido por uma queda do setor no ano de 2000. Por outro lado observa-se em 2004 um tímido crescimento do setor. O aumento do consumo dos produtos da cadeia têxtil/vestuário ocorreram em meados de 1986 com o plano cruzado e nos anos de 1994 e 1995, períodos em que a renda teve maior crescimento.

Quanto ao crescimento das indústrias na Região Carbonífera é possível observar um processo de diversificação como demonstra a tabela abaixo.

Tabela 01-Desenvolvimento industrial, por setores, nos municípios da região AMREC em 1985 á 2004.

Setor	1985	1990	1995	2000	2004
Extrativa mineral	54	57	118	81	70
Indústria de produtos minerais não metálicos	146	166	254	221	250
Ind. química	21	32	140	132	176
Indústria do vestuário	117	235	777	443	498
Indústria de calçados	24	32	42	16	15
Indústria de produtos alimentícios	81	92	211	160	200
Construção civil	32	162	466	318	332

Fonte: MTE/RAIS - vários anos.

Dos setores citados acima a indústria do vestuário em 1995 é o que apresenta o maior crescimento e o segundo setor de destaque está a construção civil. Todos os setores acima destacados apresentam um desaceleração entre os anos de 1995 a 2000. Segundo Cardoso (2004,p.70) desta desaceleração pode ser justificado como:

“O período mais crítico para nossa balança foi 1995/1998, quando vigorou a combinação de abertura comercial e sobrevalorização do câmbio. Nos anos em que houve crescimento do PIB (Produto Bruto Interno), o déficit aumentava em função do crescimento das importações, como foi o caso de 1997, ano em que o déficit comercial atingiu US\$ 8,3 bilhões”.

A tabela apresenta também que esses mesmos setores nos dados do ano de 2004 apresentaram uma pequena recuperação com exceção do mineral e a indústria dos calçados.

2 A subcontratação/ tercerização ou a implantação da tecnologia

A globalização no seu início foi marcada pelo otimismo e entusiasmo, mas com o decorrer do tempo este foi sendo substituído pelo temor e pelo desencanto. O mundo tornou-se mais aberto e receptivo, mas, além das novidades consumíveis também está presente a falência de empresas, corte de postos de trabalho e crises financeiras. Quanto aos sindicatos ficaram incapazes de agir frente a todas essas mudanças, vivendo uma brutal crise de identidade,

obrigando-os a criarem algumas estratégias para não perderem o que se conquistou em anos de luta (ANTUNES, 2000).

Para muitas empresas a subcontratação/terceirização foi uma medida estratégica encontrada para facilitar o enfrentamento do quadro de concorrência dos anos 90. O recurso de terceirização era extremamente atraente para as empresas que produziam por encomenda ou que empregavam mão-de-obra de forma intensiva.

Esse segmento formou-se através de:

Trabalhadores demitidos em função da reestruturação produtiva e da redução das estruturas passaram a atuar como terceiros. Entretanto, em boa parte dos casos, isso ocorria sob condições de “informalidade”, freqüentemente traduzidas em degradação das condições de trabalho. Os trabalhadores têm consciência dos problemas inerentes à subcontratação e a terceirização, embora tal prática represente possibilidades de ocupação em ambiente de demissões em larga escala. Assim, sempre que há possibilidade, os sindicatos denunciam as conseqüências desse tipo de estratégia. De fato, em agosto de 1997, o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem de Blumenau, que abrange alguns municípios do médio Vale do Itajaí, anunciava o seguinte no seu informativo *Força Operaria*, sob o sugestivo título “Terceirização é uma armadilha (LINS, 2000, p. 157).

Seria uma solução econômica para as empresas, pois elas estariam economizando no uso da instalação, máquinas e equipamentos, redução nos custos referentes à admissão e gestão de mão-de-obra, não realizando o pagamento de Fundo de garantia, 13º salário, férias, licença-materna, aposentadoria, etc. e especialmente, mais flexibilidade para enfrentar flutuação de demanda.

Como se pode observar os últimos anos trouxeram importantes transformações na estrutura produtiva brasileira, com significativas conseqüências para os trabalhadores. Impulsionadas pela abertura da economia no início dos anos 1990, essas mudanças prosseguem gradualmente, por meio da ampliação da participação do comércio exterior no Produto Interno Bruto (PIB) do país e do contínuo processo de incorporação de novas tecnologias. Embora os principais efeitos da abertura sobre o emprego possivelmente já tenham se esgotado, não há dúvida quanto a sua importância na reestruturação das atividades econômicas. A maior exposição à concorrência internacional, aliada aos requisitos de competitividade necessários para ganhar novos mercados, resultou na perda de importância de algumas atividades menos competitivas e no aumento da participação de outras na estrutura produtiva. Todo esse processo trouxe modificações, é claro, na forma como se distribui e se organiza o emprego no Brasil (ANTUNES, 2000).

Aliada à abertura e à modernização tecnológica e, em grande medida, como consequência disso, a economia brasileira tem experimentado ganhos substanciais de produtividade nos últimos anos. Esses ganhos, ao mesmo tempo em que ampliam a eficiência produtiva, também fazem com que o mesmo volume de produção requeira um número menor de trabalhadores. Assim, a economia brasileira tem de crescer atualmente a taxas mais elevadas do que no passado para incorporar toda a população em idade ativa ao mercado de trabalho (ANTUNES, 2000).

Na região Carbonífera para o sindicato patronal há investimentos em inovação esses investimentos segundo o presidente do SINDIVEST “existem em empresas que possuem capital próprio, mas tem outras que fazem financiamento ou o próprio vendedor das peças e das máquinas financia. Para ele toda a indústria tem que estar renovando o seu parque industrial em um período de um a dois anos” (Santos Longaretti, Presidente do SINDIVEST).

Mas quando questionados sobre os impactos causados pela implantação da tecnologia no setor, os presidentes do sindicato patronal e do sindicato dos trabalhadores divergem na argumentação. Segundo o presidente do SINDIVEST:

A implantação de máquinas novas não influencia muito na parte da costura, pois em um ou dois dias a costureira se adapta a máquina. Pois se você comprar uma máquina nova, você vai substituir a máquina, se não ter que contratar outra para trabalhar na máquina (Santos Longaretti, Presidente do SINDIVEST).

Já o presidente do sindicato dos trabalhadores

Considera que há uma redução na mão-de-obra empregada na empresa. Pois uma máquina X que antes ocupava 10 funcionários, com a implantação da tecnologia hoje funciona com 3 trabalhadores e com uma produção maior que antes com os 10. Isso a empresa considera lucro (Izio Inácio, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário e Calçados de Criciúma e Região).

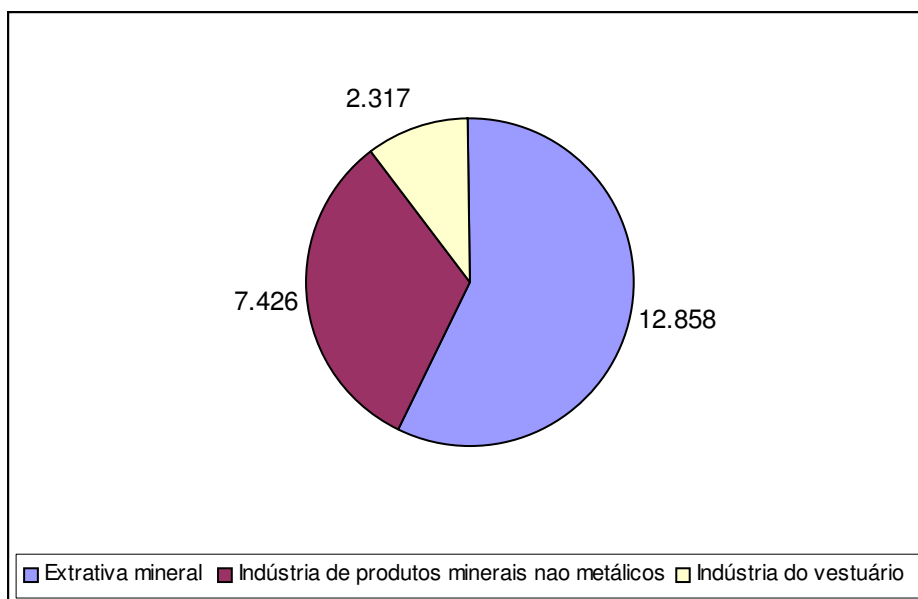
Quando questionados sobre qual medida o sindicato dos trabalhadores vem aplicando para enfrentar essas mudanças no mundo do trabalho, o mesmo respondeu “Estamos investindo em qualificação da mão-de-obra. Mas é uma situação difícil, pois essas novas máquinas são muito caras” (Izio Inácio, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário e Calçados de Criciúma e Região)

Como foi exposto nos últimos anos o mundo do trabalho vivenciou uma situação fortemente crítica, talvez a maior desde o nascimento da classe trabalhadora. O entendimento dos elementos constitutivos desta crise é de grande complexidade, uma vez que, neste mesmo período, ocorrem mutações intensas, de ordens diferenciadas, e que, no seu conjunto, acabaram por acarretar conseqüências muito fortes no interior do movimento operário, e no âmbito do movimento sindical (ANTUNES, 2002). Essas mudanças foram sentidas pelos trabalhadores do vestuário da região carbonífera.

3 Crescimentos do emprego no setor do vestuário na região carbonífera

Quanto ao crescimento do emprego no setor do vestuário quando comparando com outros setores de destaque econômico na região carbonífera o gráfico abaixo indica que durante a década de 1980, as indústrias carbonífera e cerâmica lideravam o ranking de indústrias que mais empregavam na região.

Gráfico 02-Número de trabalhadores nos três grandes setores da região, década de 1985.

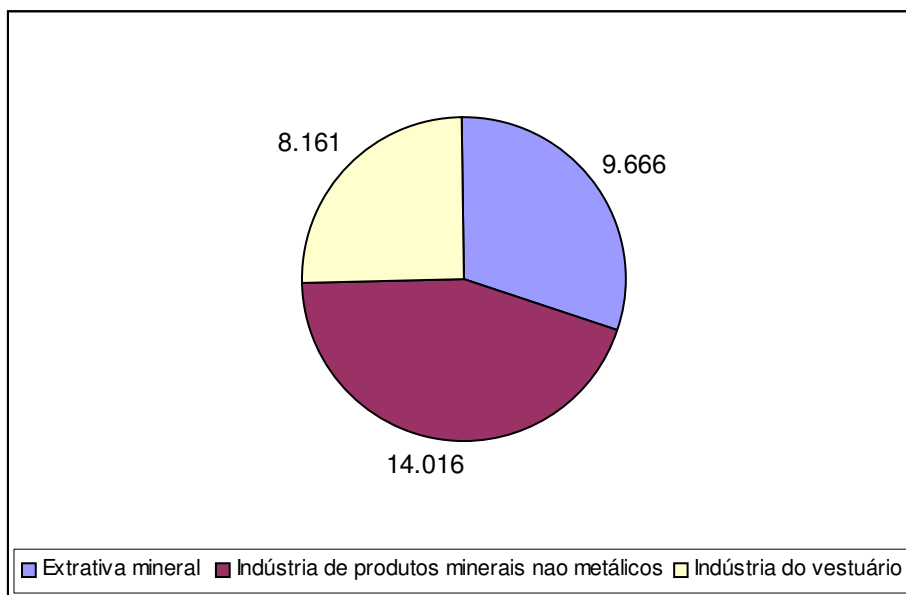


Fonte: MTE - Bases Estatísticas - RAIS/ESTAB

Após a crise do carvão, no final da década de 1980, a lacuna deixada por esse setor foi

gradativamente sendo preenchida pelo vestuário, amenizando a economia da região Carbonífera, pois a partir do final dos anos 80 o vestuário juntamente com o cerâmico tornaram-se os maiores indutores da região. Tal inversão se apresenta claramente abaixo.

Gráfico 03-Número de trabalhadores nos três grandes setores da região, década de 1990.

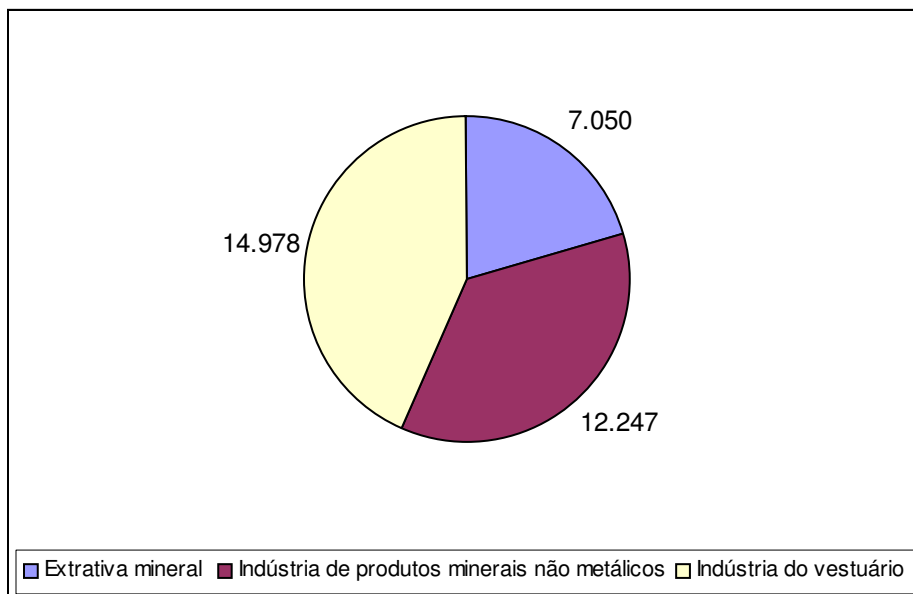


Fonte: MTE - Bases Estatísticas - RAIS/ESTAB

Analisando os setores observa-se que o vestuário passou a liderar o setor que mais emprega na região.

Tal situação acontece no setor do vestuário, porque existe uma complexidade no manuseio da matéria-prima, que é maleável e apresenta texturas distintas. Não existe ainda a possibilidade de substituir a mão-de-obra humana por máquinas em algumas etapas do processo, como a costura e o acabamento. Principalmente nessas etapas a indústria do vestuário se apresenta intensiva em mão-de-obra, ou seja, possui uma alta capacidade de geração de empregos (GOULARTI;JENOVEVA,1997, p. 87).

Gráfico 04-Número de trabalhadores nos três grandes setores da região, década de 2000.

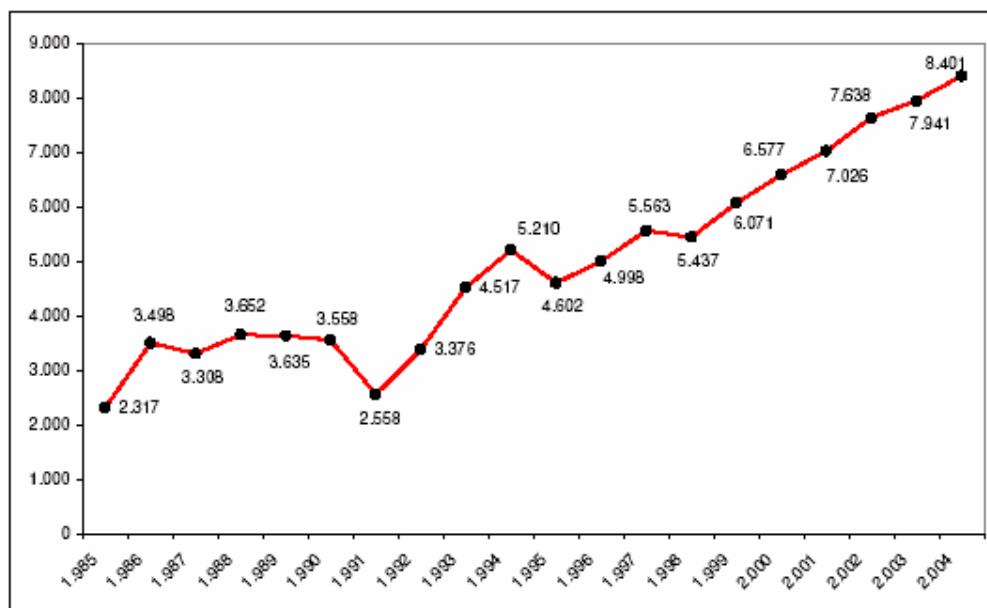


Fonte: MTE - Bases Estatísticas - RAIS/ESTAB

A evolução do emprego formal, do setor do vestuário na região, apesar de ter passado por alguns períodos de queda, de 1985 a 2004 obteve um crescimento de mais de 200%, passando de 2.317 em 1985 para 8.401 em 2004. Nestes vinte anos, o setor apresenta a partir de 1999, um crescimento apenas, em termos de emprego (IPAT/UNESC, 2006). Este fato pode ser explicado pela desvalorização cambial que ocorreu em 1999, que como consequência reduziu a concorrência dos produtos externos aos nacionais, estimulando a produção interna.

Observa-se que nos períodos da década de 1990, ocorreu a abertura comercial e posteriormente a partir de 1995, com o advento do plano Real, e a sobrevalorização da moeda nacional, são os períodos em que o setor sofreu os maiores impactos negativos, refletindo diretamente no nível de emprego.(IPAT/UNESC, 2006).

Gráfico 05-Evolução do emprego formal, na região da AMREC, de 1985 a 2004, setor do vestuário.



Fonte: MTE/RAIS – vários anos.

Comparando os empregos gerados na indústria do vestuário, com o total de empregos gerados na região Carbonífera, percebe-se que o vestuário representa, em média (entre 1985 e 2004), 8,17% do total de empregos da região, sendo que no ano 2000 chegou a representar 10,5%. No ano de 2004 a indústria do vestuário representou 9,94% dos 84.555 empregos formais existentes na região Carbonífera. Entre os setores industriais, desde 1998 a indústria do vestuário é responsável pela maior geração de empregos na região. As estimativas até maio de 2006 mantêm a mesma proporção do setor do vestuário no total de emprego formal da AMREC. Segundo as estimativas, até maio de 2006 o setor do vestuário chegou a 9.071 empregos formais, enquanto que o total da região chegou a 91.329. Analisando o poder de compra dos trabalhadores da indústria do vestuário, percebe-se que entre 1985 e 2003, ocorreu uma elevação de 8,12%, passando de R\$ 389,08 em 1985 para R\$ 420,66 em 2003¹.

No entanto, as estatísticas oficiais tratam do setor formal, não do informal. Nesse setor informal estão incluídas as costureiras que atuam no trabalho a domicílio e as fábricas clandestinas, ou seja, o número real de empregos se apresenta bem maior do que é divulgado

¹ Valores atualizados pelo INPC até dezembro de 2003.

pelas estatísticas, além disso, não são considerados os empregos indiretos que são gerados pelo setor.

4 Reivindicações e as lutas dos trabalhadores

As formas de lutas do sindicato da região Carbonífera garantiram um piso salarial mais alto, comparado com as outras regiões. Segundo o presidente do sindicato dos trabalhadores, acordos e reivindicações são feitos em fevereiro de cada ano, em convenção coletiva de trabalho com os trabalhadores, registra-se em uma ata as reivindicações e depois é levado ao sindicato patronal para devidos acertos, quando questionado qual seria as principais reivindicações o mesmo disse que é o piso salário.

A questão do piso salarial do setor do vestuário é dividida por função, sendo a categoria menos remunerada serviços gerais conforme tabela abaixo:

Tabela 5 – Remuneração mínima setor do vestuário

Função	Salário Normativo
Costureira, Passadeira, Overloquista e Revisora final	R\$ 500,00
Fechadeira, Cortador e Interloquista	R\$ 522,81
Ramalhadeira	R\$ 551,97
Ajudante de Tecelão	R\$ 458,71
Tecelão	R\$ 786,16
Serviços Gerais até 90 (noventa) dias	R\$ 350,00
Serviços Gerais após 90 (noventa) dias	R\$ 376,32

Fonte: Sindicato dos trabalhadores nas Indústrias do vestuário e Calçados de Criciúma e região – Convenção coletiva de trabalhadores 2006/2007.

Para a trabalhadora ser considerada costureira consta na Convenção Coletiva de Trabalhadores 2006/2007 no parágrafo primeiro: “Fará jus ao salário de costureira a funcionária

com experiência mínima, na função, de 12 (dose) meses de trabalho, conforme registro na sua CTPS”².

Dados fornecidos pelo MTE/RAIS mostram que a categoria sempre teve a baixo da média salarial na AMREC.

TABELA 6-Média salarial da indústria do vestuário e do total da AMREC de 1985 a 2005 em valores nominais.

Ano	Vestuário	Total	Diferença
1985	738.000,00	1.338.000,00	-600.000,00
1986	1.005,00	2.572,80	-1.567,80
1987	4.068,00	11.052,00	-6.984,00
1988	60.233,25	142.296,00	-82.062,75
1989	1.363,55	2.971,44	-1.607,89
1990	25.980,25	32.519,50	-6.539,25
1991	107.940,00	178.080,00	-70.140,00
1992	1.211.473,70	2.475.166,10	-1.263.692,39
1993	34.706,00	75.978,00	-41.272,00
1994	148,40	304,50	-156,10
1995	230,00	437,00	-207,00
1996	268,80	490,56	-221,76
1997	289,20	517,20	-228,00
1998	291,20	531,70	-240,50
1999	294,40	538,47	-244,07
2000	317,61	556,05	-238,44
2001	346,92	608,18	-261,26
2002	381,06	655,63	-274,57
2003	439,19	753,85	-314,66
2004	463,80	817,71	-353,91
2005	486,00	873,00	-387,00

Fonte: MTE/RAIS – vários anos.

Os dados da acima nos mostram a media salarial do setor do vestuário e do total da AMREC desde 1985 a 2005, demonstrando que a os trabalhadores do setor do vestuário tinham um salário abaixo da média das outra categoria da AMREC. E no ano de 1994 foi o ano que a categoria teve sua menor remuneração, mas que o salário vem com pequenos crescimentos anuais.

² Sindicato dos trabalhadores nas Indústrias do vestuário e Calçados de Criciúma e região – Convenção coletiva de trabalhadores 2006/2007. convenção essa que acontece uma vez ao ano.

Tabela 7 – Admitidos e desligados da indústria do vestuário na AMREC de janeiro de 2002 a setembro de 2006

Ano	Admitidos	Desligados	Saldo
2002	4621	4200	421
2003	4550	4340	210
2004	5445	5107	338
2005	5843	5360	483
2006	4169	3778	391

Fonte: MTE/RAIS – vários anos.

Quanto aos trabalhadores admitidos no setor do vestuário no ano de 2005 se tem 5843 trabalhadores, mas nesse mesmo ano também contas o numero expressivo de trabalhadores desligados.

Março é o mês em que a categoria tem a menor média salarial, já em Dezembro é o mês que seus salários são mais elevados. Isso pode ser explicado segundo o presidente da categoria.

Porque em dezembro devidos as festividades aumentam a produção e esses trabalhadores são bonificados com horas extras. Já em março segundo o presidente a produção recomeça e existe muita demanda para pouca oferta de trabalho (Sindicato dos trabalhadores nas Indústrias do vestuário e Calçados de Criciúma e Região)

No mês de dezembro nos anos de 2002/2003/2004 tem-se a taxa de desligamento maior de trabalhadores. No ano de 2005 o mês que apresenta maior demissão é junho. E quanto ao ano de 2006, pelos dados coletados março é o mês com maior admissão e desligados. Já as taxas de maior admissão ficam nos meses de março e setembro. Por último a tabela ainda demonstra a grande rotatividade existente no setor.

A rotatividade dos trabalhadores no vestuário também foi abordada pelos presidentes do sindicato patronal e dos trabalhadores. Conforme o presidente do SINDIVEST, considera que:

Em tempos atrás já existiu e que hoje as empresas se respeitam mais no sentido de estar “roubado” um funcionário do outro. Que não adianta tirar de uma empresa que vai ficar prejudica para levar para outra (Santos Longaretti, presidente do SINDIVEST).

Já o presidente do Sindicato dos Trabalhadores explicou:

Que existe muita rotatividade, e que isso acontece não por salários melhores e sim por benefícios que a outra empresa pode oferecer. É também acontece muito da empresa fazer o desligamento do funcionário “entre safra” que seria a criação dos mostruários³, e quanto volta a produção admitem esses mesmo trabalhadores (Izio Inácio, presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Vestuário e Calçados de Criciúma e Região)

Verificou na entrevista que os presidentes não tem o mesmo avaliação quanto a rotatividade dos trabalhadores do vestuário. Pode-se inferir a partir da fala do presidente do sindicato dos trabalhadores que as empresas alem de pagarem salários mais baixos para seus funcionários como ficou demonstrado ao longo do artigo, muitos trabalhadores não tem garantia de emprego ou são contratados para trabalho temporário.

5- Considerações finais

Elemento importante quanto aos possíveis impactos sobre o mercado de trabalho é a incorporação de novas tecnologias aos processos produtivos têm modificado constantemente os padrões de organização da produção, criando novas formas de produzir os mesmos produtos. As inovações tecnológicas que estão sendo aplicadas na região Carbonífera, especialmente nos processos produtivos, costumam substituir a mão-de-obra, em particular o menos qualificado. Assim foi configurando uma categoria de empresas que se especializam em serviços terceirizados, tornando o trabalho precário e com baixos salários. Ao longo do texto foi demonstrado o grande numero de empresas no setor do vestuário existente na região carbonífera que por não possuírem capital para investir em tecnologia acabam se especializando na prestação de serviços terceirizados, acarretando também na difusão da subcontratação de trabalhadores incorrendo numa superexploração da mão-de-obra.

Mesmo sendo um dos setores que mais emprega na região observou-se um processo constante de rotatividade no setor.

³ Criação de peças únicas para a aprovação e confecção para a comercialização.

6- Referências

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 8.ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2002. 200p.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho:** Ensaio sobre a negação do trabalho. 5.ed. São Paulo: Boitempo. 2001. 258p.

CARDOSO, Jose Álvaro de Lima. **Reestruturação produtiva e mudanças no mudanças do trabalho:** um olhar sobre os setores têxtil e alimentos em Santa Catarina. Tubarão: Studium, 2004. 352p.

CASTORIADIS, Cornelius. **A experiência do movimento operário.** São Paulo: Brasiliense S.A., 1974. 258p.

GOULARTI FILHO, Alcides; JENOVEVA NETO, Roseli. **A indústria do vestuário:** Economia, estética e tecnologia. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.197p.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação econômica de Santa Catarina.** Florianópolis: Futura, 2002. 500p.

IPAT / UNESC. **Caderno econômico setor do vestuário.** Criciúma: IPAT / UNESC, 2006.

LACERDA, Antônio Corrêa de et al. **Economia Brasileira.** São Paulo: Saraiva, 2003. 295p.

LINS, Hoyêdo Nunes. **Reestruturação Industrial em Santa Catarina:** pequenas e médias empresas têxtil e vestuaristas catarinense perante os desafios dos anos 90. Florianópolis: UFSC, 2000. 304p

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Relação Anual de Informações Sociais.** Brasília, vários anos (CD-ROM).

SINGER, Paul. **A formação da classe operária.** 6.ed. São Paulo: Atual; Campinas:Universidade Estado de Campinas,1988. 80p.

_____. **Discutindo a formação da Classe operária.** 2.ed. São Paulo: Atual; Campinas:Universidade Estado de Campinas,1985.80p.

_____. **Globalização e Desemprego:** Diagnóstico e Alternativas. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2001.139p.